



JUSTIFICATIVA

Em 15 de fevereiro de 1931, no arraial de Campolide/Bom Jesus do Vermelho, distrito de Santa Rita de Ibitipoca, Minas Gerais, nasceu Célia Campos de Oliveira, filha de Sebastião José de Oliveira e Esmeraldina Maria Campos de Oliveira. Célia foi a segunda filha do casal, que ao todo teve treze filhos.

A família viveu na região até 1945, quando Sebastião, que era tropeiro, conseguiu trabalho em uma fazenda no interior do Rio de Janeiro, no distrito de Macuco, onde nasceram mais quatro filhos. Desde cedo, Célia e os irmãos mais velhos contribuíam para as despesas da casa e auxiliavam no cuidado com os irmãos menores.

Aos 17 anos, Célia voltou para Bias Fortes, Minas Gerais, para morar com a avó paterna. Na residência vivia também um primo que ela ainda não conhecia, Walter, com quem veio a se casar, prática comum na época, quando ainda existiam casamentos arranjados. O casal teve dois filhos em Bias Fortes e depois passou a residir na casa da sogra.

Posteriormente, o irmão mais velho de Walter montou um comércio em Lima Duarte, Minas Gerais, e o convidou a abrir também uma loja de secos e molhados. O casal mudou-se para o município, onde nasceu o terceiro filho, e depois se estabeleceu no distrito de Três Ilhas, em Belmiro Braga.

Com o tempo, Célia conseguiu uma casa e um espaço em Belmiro Braga, onde montou uma venda na garagem. Obteve ainda uma casa com ponto comercial no distrito de Fortaleza, ao lado de Belmiro Braga. Foi nesse período que Walter e os três filhos se mudaram para lá. A família conquistou muitos amigos e fregueses, e Célia vendia grande quantidade de frangos, totalizando sete criatórios.

Em 1969, Walter acordou com fortes dores no tórax e faleceu dois dias depois. O falecimento ocorreu em 1º de setembro de 1969, aos 44 anos, deixando Célia viúva, com 36 anos e três filhos pequenos.

Após a morte do marido, Célia foi levada pelo pai para Macuco, Rio de Janeiro, onde permaneceu por cerca de três meses. Em seguida, decidiu recomeçar sua vida. Em 1971, a família retornou para Juiz de Fora, Minas Gerais, por decisão do pai de Célia.

Inicialmente, Célia e os filhos ficaram hospedados na casa de uma tia no Bairro Fábrica, imóvel que estava vazio e não tinha cobrança de aluguel. Após oito meses, com o retorno da tia, Célia precisou se mudar para o Bairro Cerâmica, onde o irmão, funcionário do Banco Banespa, auxiliou no pagamento do aluguel. Com apenas a pensão de um salário mínimo, a vida era difícil.

Algum tempo depois, o pai de Célia sugeriu a venda do sítio da família em Fortaleza, para que ela pudesse comprar uma casa em Juiz de Fora. Assim, mudou-se com os filhos para o Loteamento Santa Paula, em uma casa inacabada e sem luz, água ou esgoto. Contudo, houve problemas na venda do sítio, o que a obrigou a desfazer a compra da casa. Sem ter para onde ir, Célia ficou temporariamente abrigada pelo tio Vital, um idoso deficiente físico, e teve de recolher novamente seus móveis.

No dia seguinte, saiu com o tio, em uma carroça, à procura de um novo lar. No Bairro



Progresso, encontraram um senhor que ofereceu uma casa simples para alugar e, comovido com a situação, entregou a chave dizendo que poderia pagar quando pudesse. O filho de Tio Vital, que trabalhava em São Paulo, assumiu o aluguel.

Enquanto isso, Célia tentava vender o sítio, alugado a um antigo vizinho que deixou de pagar o aluguel e se recusou a desocupar o imóvel, dificultando a venda. Assim, ela foi obrigada a vender o bem por valor muito inferior ao de mercado. Com esse recurso, conseguiu recomprar a casa no Loteamento Santa Paula em 1974, onde passou a viver definitivamente.

Célia matriculou os filhos em escolas próximas e iniciou sua luta por melhorias no bairro, que carecia de infraestrutura básica. Com o apoio dos moradores e sua persistência junto à Prefeitura, foram conquistados energia elétrica, água encanada, rede de esgoto e calçamento em pedra.

O local, até então conhecido como Divinéia, em alusão à novela Fogo sobre Terra, passou posteriormente a ser reconhecido oficialmente como Bairro Santa Paula. Célia também atuou pela implantação da linha de ônibus, que inicialmente chegava apenas até a Bola do Progresso. Com o tempo, o bairro passou a ser atendido pela empresa Viação Lord e, posteriormente, pela Ansal.

Na década de 1970, Célia liderou um movimento que resultou, junto à Prefeitura, na doação de um terreno para a construção de uma igreja católica. O espaço foi dividido entre a Igreja Santa Clara e duas áreas destinadas a famílias carentes do bairro.

A igreja foi construída com doações e festas comunitárias organizadas e administradas por Célia, que a mantinha junto a um grupo de mulheres voluntárias, sem qualquer remuneração. Era comum que reunisse as crianças do bairro incentivando-as a participar das atividades religiosas.

Célia foi conselheira fiscal da SPM Progresso e uma das fundadoras do Centro Comunitário do Progresso, onde hoje funciona a Unidade Básica de Saúde. No local, eram ministradas aulas de corte, costura, bordado e tricô. Ela também participou de conselhos locais de saúde e atuou como ministra da Eucaristia nas igrejas Santa Rita e Santa Clara.

O bairro, que atualmente conta com cerca de seis mil moradores e oito ruas oficiais, recebeu a dedicação incansável de Célia, que sempre buscou melhorias para a comunidade.

Em 1999, Célia foi diagnosticada com câncer de mama e passou por mastectomia, seguida de quimioterapia e radioterapia. Graças à sua fé inabalável, alcançou a cura. Em 2010, sofreu um infarto e precisou colocar uma ponte de safena.

Muito religiosa e conhecida pela fé e sabedoria no uso de ervas medicinais, ajudou inúmeras pessoas com orações e chás. Dizia com frequência que o que cura é o amor.

Em 2012, foi diagnosticada com câncer na amígdala e novamente se curou. No entanto, em abril de 2016, a doença retornou de forma mais agressiva. Aos 85 anos, abatida e cansada, optou por não prosseguir com o tratamento.

Após 16 dias internada no Hospital Asconcer, faleceu em 25 de novembro de 2016. Foi sepultada em Juiz de Fora, cidade onde viveu, criou seus filhos e exerceu sua missão de vida com fé, coragem e dedicação ao próximo.



Por todo o exposto, esta proposição configura justa homenagem e expressão de gratidão da Câmara Municipal de Juiz de Fora, em nome do povo juiz-forano, a Célia Campos de Oliveira, por sua história de vida, sua dedicação à comunidade, sua resistência e sua contribuição para o desenvolvimento humano e social da cidade.

Diante disso, solicita-se aos nobres pares desta Casa Legislativa a aprovação do projeto de lei que denomina a Rua das Pedras como Rua Célia Campos de Oliveira.

Palácio Barbosa Lima, 1º de dezembro de 2025.



Laiz Perrut Marendino
Vereador Laiz Perrut - PT

